

USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA JUVENTUDE: ESTUDO DAS POSSÍVEIS RELAÇÕES SOCIAIS VIVENCIADAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA ASSOCIADAS A ESTE DESFECHO

Agatha Louise Piccini Thomé,¹ Daniela Sperotto,²

RESUMO

Objetivo: A pesquisa objetiva avaliar quais as possíveis condições associadas ao uso de substâncias psicoativas (SPA) na infância e na adolescência, fatores de risco e proteção, atuação do meio social e familiar e quais desordens psíquicas podem contribuir para este desfecho. **Materiais e métodos:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de revisão, com abordagem descritiva. Foram utilizados dezessete artigos, escolhidos de acordo com o objetivo proposto, publicados nos últimos dez anos (entre 2009 e 2019), nas plataformas SciELO e PubMed. **Resultados:** Sete dos artigos em pesquisa, revelaram que o consumo de substâncias psicoativas pelos filhos está relacionado à naturalidade quanto ao uso, abuso das substâncias pelos pais, mau gerenciamento familiar e episódios de violência doméstica. Três deles relatam que famílias monoparentais e divórcio aumentam o risco do uso de substâncias pelos jovens. Quanto os fatores de proteção, quatro artigos citam que a proximidade com os pais diminui esse risco. Quanto ao meio social, a evasão escolar e as amizades dos jovens são os principais fatores relacionados a iniciação do uso de drogas. Os principais transtornos psiquiátricos relacionados ao possível uso de SPA são: depressão, ansiedade, transtorno de déficit de atenção (TDAH) e trauma psíquico. **Conclusão:** Apesar de os artigos utilizados terem sido elaborados em diferentes locais do mundo, eles convergem entre si, considerando o uso de substâncias como um problema global. Famílias conflituosas, que abusam de substâncias e agem com naturalidade perante seu uso, transtornos psiquiátricos, alta evasão escolar e amizades usuárias são fatores preditores. Boa relação familiar e desenvolvimento escolar, protetores.

Palavras-chave: Família; Abuso de substâncias; Adolescência; Crianças; Drogas.

USE OF PSYCHOACTIVE SUBSTANCES IN YOUTH: A STUDY OF THE POSSIBLE SOCIAL RELATIONSHIPS EXPERIENCED IN CHILDHOOD AND ADOLESCENCE ASSOCIATED WITH THIS OUTCOME

ABSTRACT

Objective: The research aims to evaluate what are the possible conditions associated with the use of psychoactive substances (SPA) in childhood and adolescence, risk and protection factors, performance of the social and family environment and which psychic disorders can contribute to this outcome. **Materials and methods:** This is a literature review, with a descriptive approach. Seventeen articles were used, chosen according to the proposed objective, published in the last ten years (between 2009 and 2019), on SciELO and PubMed platforms. **Results:** Seven of the research articles revealed that the consumption of psychoactive substances by children is related to the naturalness of use, substance abuse by parents, poor family management and episodes of domestic violence. Three of them report that single-parent families and divorce increase the risk of substance use by young people. Regarding protective factors, four articles mention that proximity to parents reduces this risk. As for the social environment, school dropout and young friendships are the main factors related to the initiation of drug use. The main psychiatric disorders related to the possible use of SPA are: depression, anxiety, attention deficit disorder (ADHD) and psychological trauma. **Conclusion:** Although the articles used were produced in different locations around the world, they converge, considering the use of substances as a global problem. Conflicting families, who abuse substances and act naturally when using them, psychiatric disorders, high school dropout and user friendships are predictive factors. Good family relationship and school development, protectors.

1 Agatha Louise Piccini Thomé. Acadêmica de Medicina da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC. E-mail: agathalpt.med@gmail.com

2 Daniela Sperotto. Médica psiquiatra geral e da infância e adolescência. Mestre em psiquiatria e ciências do comportamento. Docente da Universidade do Oeste de Santa Catarina. E-mail: daniela_sperotto@yahoo.com

INTRODUÇÃO

O ser humano passa por modificações físicas e psíquicas ao longo da vida, sendo seu desenvolvimento marcado por fases, que vão desde o nascimento até a morte. Estes períodos são compostos e separados por uma junção de fatores orgânicos (genéticos e neuroendócrinos), ambientais, físicos e de desenvolvimento geral do indivíduo, semelhantes entre si a cada fase (ASSUMPÇÃO; KUCZYNSKI, 2006).

Quando avaliado o desenvolvimento humano no contexto da neurociência contemporânea, observa-se a importância dos fatores biologicamente herdados, ou seja, dos fatores genéticos. Estes, interferem nas características mentais do indivíduo, levando a “tendências”, “vulnerabilidades”, “predisposições” ou “traços de temperamento” (POLANCZYK; LAMBERTE, 2012, p. 64).

As predisposições biológicas herdadas são moldadas de acordo com situações presentes no meio em que o indivíduo está inserido (epigenética), contribuindo para sua formação psíquica. Sabe-se que a construção da psique da criança dá-se muito além das interações conscientes com a família, amigos, professores, e com a sociedade que a envolve. Abrange todo o espectro ao seu redor, desde seu idioma, tradições culturais, contato corporal entre mãe e filho, expectativas paternas e as vivências emocionais desencadeadas pelo papel que o indivíduo está realizando como filho e na sociedade. Sendo estes elementos decisivos na formação da estrutura de um indivíduo. Todavia, como cada indivíduo é único, observa-se que as mesmas causas/experiências levam a consequências/desfechos diferentes para cada pessoa (POLANCZYK; LAMBERTE, 2012, p. 65-66).

O meio social da criança e do adolescente, a família, a escola, são considerados, quando disfuncionais, fatores de risco para situações adversas. Na criança, os aspectos ambientais e culturais estão em primeiro plano quando relacionamos o risco de abuso de substâncias psicoativas (SPA). Para as crianças, diferentemente dos adultos, as psicopatologias estão em segundo plano quanto à relação com o risco de abuso de SPA (MARCELI; COHEN, 2010, p. 189-190).

A literatura médica relata que as relações/vivências em nível familiar são de grande importância para o início do uso de substâncias pelos jovens. Problemas familiares, pais que bebem abusivamente e ocasiões festivas em que a família estimula o uso do álcool, tendem a aumentar a propensão para o uso desta droga. Traços de comportamento/personalidade com características antissociais, antecedente de abuso sexual e nível socioeconômico desfavorável estão ligados ao início precoce do abuso de substâncias. O uso de SPA é tido como um

processo desviante de conduta, posteriormente podendo contribuir para o desenvolvimento de psicopatologias na adolescência (MARCELLI; COHEN, 2010, p. 189).

O plano ambiental e cultural também é de suma importância para a formação da personalidade e da psique da criança. Aquelas que não se “enquadram” em grupos, que apresentam transtorno de conduta, envolvimento com “más companhias”, apresentam maior propensão ao uso de substâncias psicoativas. Quanto mais degradado e marginalizado for o meio em que a criança está inserida, maior será a oferta de substâncias e iniciação precoce ao uso de drogas (MARCELLI; COHEN, 2010, p. 189).

Quando falamos em políticas públicas e possibilidade de intervenções, é importante sabermos alguns conceitos básicos: os “fatores proximais” são os fatores que desencadeiam efeitos sobre o indivíduo quase imediatamente após o contato; já os “fatores distais” podem ser entendidos como os efeitos do ambiente prorrogados por um tempo maior. Desta forma, levando em consideração os fatores proximais e distais, existe a possibilidade de ações de prevenção para o desenvolvimento de algumas doenças. Ações voltadas a impedir a ocorrência das doenças/transtornos antes que elas se desenvolvam é nomeada de “prevenção primária”, enquanto a detecção precoce do transtorno, a fim de evitar seu agravamento ou morbidade, chama-se “prevenção secundária” e, quando são atenuadas as complicações de um transtorno crônico ou que evoluiu com sequelas, é praticada a “prevenção terciária” (MARCELLI; COHEN, 2010, p. 23-25). Os denominados “fatores de proteção”, consistem em uma variável positiva, podendo melhorar ou modificar as respostas pessoais ou riscos de desadaptação, contribuindo para prevenir o desenvolvimento de patologias (KLEIN; LINHARES, 2007).

No século passado, o abuso de substâncias psicoativas ou transtorno por uso de substâncias psicoativas, era estudado de forma equivocada, com base em mitos. Acreditava-se que os “viciados em drogas” eram moralmente falhos e sem força de vontade (NIDA, 2018). Hoje, sabe-se que este “abuso” consiste em uma junção de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos (APA, 2014, p. 483). O diagnóstico é feito por meio dos comportamentos relacionados ao uso das substâncias, sendo baseado nos critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-5 (APA, 2014).

Nesta pesquisa, avaliou-se quais as possíveis condições associadas ao uso de substâncias psicoativas na infância e na adolescência (fatores de risco e proteção); de que forma o modelo social/familiar em que crianças e adolescentes estão inseridos podem

interferir no abuso de substâncias e, destacar, se existem e quais são, as desordens psíquicas que afetam esta população e que estejam relacionadas a este desfecho.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de revisão, com abordagem descritiva, sendo utilizado para tal, as bases bibliográficas das plataformas SciELO e PubMed. Buscou-se artigos publicados nos últimos 10 anos (entre 2009 e 2019), em língua inglesa, portuguesa e espanhola, com os seguintes descritores: “relações familiares”, “adolescente”, “infância”, “abuso de substâncias”, “pais”, “*parental alcohol use disorder*”, “*parenting styles*”, “*social vulnerability*”, “*family structure*”, “*early adolescent*”, “*drug abuse*”. Para a elaboração desta pesquisa, foram utilizados 17 artigos, os quais foram escolhidos pela presença dos objetivos propostos neste trabalho.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

FATORES PREDITORES DO ABUSO DE SUBSTÂNCIAS POR JOVENS NO MEIO FAMILIAR

Steiner, Schori e Gmel, realizaram um estudo com indivíduos de idade média de 19,51 anos, por meio de um questionário, abrangendo questões como monitoramento parental, regras impostas e estrutura familiar, publicado na Suécia no ano de 2014. Os resultados mostraram que a dependência de substâncias pelos jovens está negativamente associada ao uso problemático dessas drogas pelos pais, sendo estes, influência para o volume de álcool consumido pelos jovens (STEINER; SCHORI; GMEL, 2014). Outro artigo, publicado por Wagner *et al.*, em 2010, relatou que um dos principais fatores que contribuem para o uso de substâncias pelos jovens é o uso destas pelos familiares, principalmente quando estão presentes problemas familiares associados ao uso de drogas (WAGNER *et al.*, 2010).

Elicker *et al.*, em Porto Velho-RO, no ano de 2010, realizaram um estudo com alunos matriculados na oitava série de escolas públicas do município. Eles enfatizaram que o consumo de álcool pelos pais foi de grande influência para o uso de álcool pelos filhos (ELICKER *et al.*, 2015).

No mesmo ano, e também com alunos da oitava série, Antunes *et al.* (2018) realizaram uma busca nos dados da *Pesquisa Nacional de Saúde Escolar* (PeNSE, 2015), sobre fatores predisponentes ao uso de drogas por jovens no ambiente familiar. Nesta, constatou-se que jovens em que o meio familiar era envolvido com episódios frequentes de agressão, invasão

de privacidade pelos pais, não supervisão e não verificação dos temas de casa pelos mesmos, apresentavam risco elevado de uso de drogas ilícitas (ANTUNES *et al.*, 2018).

Em 2011, Taylor relatou que 95% dos jovens afroamericanos, entre 12 a 18 anos, presentes em seu estudo, que faziam uso de substâncias (cigarro, álcool e maconha), viviam em uma família monoparental. Entre a população total (de uma amostra de 19 sujeitos de pesquisa), 84% viviam apenas com a mãe biológica e 37% descreveram problemas em casa, como discórdia familiar. Entre a população amostra, 21% relataram que um membro da família fazia uso de drogas ilícitas, e 37% faziam uso de álcool. Aproximadamente 21% a 37% dos adolescentes informaram discussões e brigas por parte de seus pais (TAYLOR, 2011). Também no ano de 2011, Vasters e Pillon realizaram uma pesquisa com 14 adolescentes, a maioria do sexo masculino, entre 14 e 19 anos, de baixa escolaridade, em um centro de tratamento especializado. O estudo revelou que metade da população pesquisada residia somente com um dos genitores (VASTERS; PILLON, 2011).

Um estudo transversal realizado por Bittencourt, França e Goldim, com todos os 229 adolescentes usuários de substâncias psicoativas em tratamento no Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi) em Santa Cruz do Sul-RS, no período de novembro de 2002 a dezembro de 2012, demonstrou que mais da metade dos jovens conviviam com familiares que utilizavam algum tipo de droga (56,8%). Entre estes, 24% sofreram agressões físicas por parte de seus familiares (BITTENCOURT; FRANÇA; GOLDIM, 2015).

Bucholz *et al.*, em 2017, publicou um artigo mostrando que pais com dependentes de álcool (um deles ou ambos), aumentou significativamente o risco de início do uso pelos filhos em relação aqueles que os pais não faziam uso. Dois foram os fatores associados ao início do uso do álcool antes dos 13 anos: o uso de *cannabis* e separação dos pais, sendo que o fator “separação dos pais” estava presente em 84% dos entrevistados. Quando em famílias que mães faziam uso de álcool, independentemente do uso pelos pais, o uso pelos filhos aumentou em 27%, mas não houve este aumento quando o uso era realizado apenas pelos pais (BUCHOLS *et al.*, 2017).

Um estudo feito por Habib *et al.*, em 2010, evidenciou que o mau gerenciamento familiar aumenta em 143% o uso de álcool pelos adolescentes (HABIB *et al.*, 2010). Silva *et al.*, no mesmo ano, mostrou que o trauma familiar, separação dos pais, agressões e brigas, aumentam a probabilidade de dependência química pelos adolescentes (SILVA *et al.*, 2010). Kelly *et al.*, em 2015, relatou que o conflito familiar está relacionado ao consumo de bebidas alcoólicas (KELLY *et al.*, 2015). Segundo Parada (2013),

[...] No âmbito familiar, o uso de drogas pelos pais, a permissividade destes com o uso de drogas, a falta de supervisão, a falta de clareza com as regras e a tolerância a infrações também trazem riscos. [...] ambientes familiares com conflitos conjugais, violência doméstica, falta de expressão de afeto e padrão de comunicação negativo entre os membros da família também podem contribuir para o uso, abuso ou dependência de drogas pela criança ou adolescente.

Como já descrito por Marcelli e Cohen, o nível familiar é o de maior importância para o início do uso de drogas pelos jovens. Problemas familiares, pais que bebem abusivamente e ocasiões festivas em que a família estimula o uso do álcool, aumentando a propensão do uso da droga (MARCELLI; COHEN, 2010, p. 189).

Sete artigos, dos doze que abrangem essa sessão, revelaram que o consumo de substâncias pelos filhos é fruto do espelho parental. Ou seja, filhos cujos pais habitualmente usam algum tipo de droga, possuem maior probabilidade de consumirem a substância. Este fato ocorre pela naturalidade que a família atribui para o uso de substâncias, onde muitas vezes este primeiro contato é realizado em casa, com o estímulo familiar. Entre os jovens em pesquisa, a maioria dos quais já haviam tido contato com drogas, eram provenientes de famílias cujos pais faziam abuso de substâncias e com isso acarretavam a problemas familiares, como episódios frequentes de agressão, brigas, violência doméstica e quebra de objetos pela casa (BUCHOLS *et al.*, 2017; BITTENCOURT; FRANÇA; GOLDIM, 2015; ELICKER *et al.*, 2015; STEINER; SCHORI; GMEL, 2014; TAYLOR, 2011; WAGNER *et al.*, 2010; PARADA, 2013). Apenas um dos artigos refere que este fato afeta apenas o sexo feminino, os demais não diferem o gênero (KELLY *et al.*, 2015). Também houve o destaque para pais que não estão presentes na vida de seus filhos. O fato de não se importarem com as atividades que os filhos participam, a não imposição de limites e a má gestão familiar, está relacionado ao aumento do uso de substâncias desses jovens. Não houve distinção de gênero entre os jovens afetados. (ANTUNES *et al.*, 2015; HABIB *et al.*, 2010; PARADA, 2013)

Ainda, três dos artigos supracitados, nos relatam que famílias monoparentais ou com pais divorciados predispõem ao uso de drogas (TAYLOR, 2011; VASTERS; PILLON, 2011). A literatura nos mostra resultados semelhantes, todavia com alguns aspectos discordantes. Observamos que, em relação ao divórcio, o prognóstico da criança é positivo, caso exista uma boa relação entre os pais, e que quando presentes, os problemas de comportamento da prole não são ocasionados pela separação em si, mas pela discórdia entre os progenitores (MARCELLI; COHEN, 2010, p. 419-421).

FATORES PROTETORES NO MEIO FAMILIAR

Fatores de proteção também estão presentes em meio familiar. Os pais têm influência na adição dos filhos por diferentes meios, entre eles a estrutura familiar, o zelo e suporte pelos filhos, controle sobre eles quando identificam abuso de substâncias, conhecimento do paradeiro de suas crias e nível de instrução dos pais. Steiner, Schori e Gmel, 2014, constata que, pais presentes são caracterizados como fatores positivos à proteção contra abuso de substâncias e que não há relação significativa do uso de drogas pelos jovens ao estado conjugal familiar (STEINER; SCHORI; GMEL, 2014).

Em 2009, Rothrauff, Cohen e An, constataram que pais autoritários estão associados a desfechos positivos em seus filhos, comparados àqueles que não possuem envolvimento familiar. Quando estes são presentes, há menor chance de abuso de substâncias em contraposto aos não presentes (ROTHRAUFF; CONEN; AN, 2009). Freires e Gomes, relatam que a família pode atuar como fator protetor pela presença de fortes vínculos familiares, imposição de regras e limites claros, supervisão dos filhos, apoio, negociação e comunicação, sempre mantendo o equilíbrio familiar e que o principal fator protetor é o diálogo, o qual estabelece fator de proteção permanente a quaisquer tipos de drogas (FREIRES; GOMES, 2015).

Habib *et al.*, realizou uma pesquisa com 8.256 jovens, de 10 a 14 anos de diferentes comunidades australianas com variações socioeconômicas e regionais. Entre os indivíduos em estudo, os que relataram relacionamentos emocionalmente íntimos com os pais eram menos propensos ao uso de álcool durante a vida e que a proximidade emocional com o pai tem risco reduzido para o uso (HABIB *et al.*, 2010). Já Kelly *et al.*, em 2015, caracteriza como a proximidade emocional dos pais do sexo oposto ao jovem como fator protetor para o uso de drogas (KELLY *et al.*, 2015).

Os fatores protetores são menos destacados nos artigos em questão, porém não menos importantes. Em quatro deles encontraram-se aspectos que convergem entre si. Estes são a boa interação familiar e relação entre pais e filhos. Visto que pais que não compreendem os filhos e não são participativos são tidos como fatores predisponentes ao uso de drogas, o contrário é verdadeiro. Pais presentes agem como fatores protetores. (FREIRES; GOMES, 2015; HABIB *et al.*, 2010; KELLY *et al.*, 2015; ROTHRAUFF; CONEN; AN, 2009). Diferente do que foi visto no tópico anterior, um dos autores relata que o fator “estado conjugal” não intervém nos fatores protetores (STEINER; SCHORI; GMEL, 2014).

Independentemente do nível socioeconômico, o zelo e suporte parental, pais autoritários, criação de vínculos, regras e limites bem impostos levam ao equilíbrio familiar. Isto é, há menor probabilidade do abuso de substâncias pelos jovens. A proximidade emocional foi citada em todos os artigos deste módulo, dois deles enfatizaram o mesmo aspecto, porém com progenitores diferentes (HABIB *et al.*, 2010; KELLY *et al.*, 2015). Um deles destacou que, relacionamentos emocionalmente íntimos com os pais de gênero oposto é um protetor (KELLY *et al.*, 2015) e outro relatou que o mesmo desfecho está relacionado a proximidade com o pai (HABIB *et al.*, 2010).

O JOVEM COMO PRODUTO DO MEIO SOCIAL

Bittencourt, França e Goldim (2015), mencionam que, para jovens, praticar atos infracionais e, apresentar maior evasão escolar, estão fortemente relacionados ao uso de substâncias (BITTENCOURT; FRANÇA; GOLDIM, 2015). Um estudo semelhante, realizado por Parada, relatou que a evasão escolar, o baixo rendimento e a defasagem na escola trazem riscos para o uso de drogas. A falta de clareza das regras no meio escolar e a falta de estímulo ao desenvolvimento potencial do aluno também são fatores que influenciam negativamente (PARADA, 2013).

Quando avaliado as companhias dos jovens, o fato de os amigos usarem ou não drogas, interfere na escolha pessoal do indivíduo. Parada referiu que, a tolerância do meio em questão com o uso de drogas ilícitas, facilidade de acesso às substâncias, baixa percepção de risco, pressão social das amizades sobre o adolescente e a necessidade desse último de se sentir parte do grupo ao qual se identifica, aumentam a vulnerabilidade para o uso de drogas (PARADA, 2013). O mesmo dado é compartilhado por Silva *et al.*, que citam como fatores desencadeantes; pressão do grupo de amigos, disponibilidade e presença de drogas no meio de inserção do indivíduo – onde o excesso da oferta demonstra naturalidade para quem compartilha do mesmo meio, visto que as imagens do uso de substâncias, fabricação e modo de uso, são comuns aos olhos dos jovens que ali pertencem (SILVA *et al.*, 2010).

Uma pesquisa realizada por Antunes *et al.*, com 102.072 participantes, evidenciaram que a maioria dos adolescentes participantes não viviam com pais que fumavam, mas grande parcela deles possuíam amigos que utilizavam drogas ilícitas (ANTUNES *et al.*, 2015). No mesmo ano, Elicker *et al.* revelaram em seu artigo que o uso de tabaco pelos jovens ocorria principalmente em festas e bares, e que a escola ocupava apenas o terceiro lugar no *ranking* do meio social com papel de maior vulnerabilidade ao uso de substâncias pela população em

estudo. Além disso, relataram que a associação ao uso do tabaco é maior quando o estudante tem amigos fumantes (ELICKER *et al.*, 2015).

Outra questão relacionada ao ambiente foi mencionada por Vasters e Pillon. A falta de atividades motivadoras para os jovens, que proporcionem lazer, como esportes e atividades culturais, parece relacionar-se ao consumo de drogas. Quando essas atividades são escassas e os eventos sociais, como festas, estão em alta, o risco do uso de substâncias torna-se maior (VASTERS; PILLON, 2011).

Três grandes grupos foram citados nessa sessão como preditores do uso de substâncias pelos jovens. O ambiente em que vivem, a escola e as companhias. E o que esses têm em comum? Todos estão presentes no mesmo meio e devem ser analisados como apenas um fator, o social. Quando em análise do binômio jovem-meio social, o plano ambiental e cultural são fatores importantes para a formação da personalidade e da psique do indivíduo. Quanto mais degradado e marginalizado for o meio em que a criança está inserida, maior será a oferta de substâncias e iniciação precoce ao uso de drogas (MARCELLI; COHEN, 2010, p. 189).

O ambiente de inserção em que a criança está presente é de suma importância para a iniciação do uso de drogas. Quando em um local onde a droga é manejada e distribuída de forma habitual, a mesma passa a ser vista com normalidade aos olhos do indivíduo. Conviver com pessoas que costumam manter contato com substâncias psicoativas, faz com que não exista a ponderação se o que está ocorrendo é algo ilegal e prejudicial à saúde do indivíduo, ou não. A falta de conhecimento sobre os riscos e prejuízos em potencial do uso de drogas também contribui para a banalização do uso de substâncias psicoativas (PARADA, 2013; SILVA *et al.*, 2010).

As companhias são essenciais para a predição do uso de substâncias ou não. O momento da adolescência é aquele em que os jovens querem estar inseridos em grupos os quais se identificam e muitas vezes modificam seus atos e predileções, de acordo com a aceitação do grupo (PARADA, 2013). Um dos artigos dessa sessão nos mostra que a principal droga oferecida pelos amigos é o cigarro, e não o álcool como muitos imaginam (ELICKER *et al.*, 2015).

O aumento da evasão escolar citada por dois autores, está vinculada ao que foi citado nos subtítulos anteriores, a má gestão familiar. Quando gere-se de forma inadequada uma família, os jovens ficam vulneráveis ao meio em que estão vivendo, portanto, ao ambiente, à escola e as amizades. Pais que não monitoram seus filhos, não sabem seus paradeiros e não impõem regras, são mais propensos a ter filhos influenciados pelas demais pessoas que os

cercam. Todavia, este fator não é advindo apenas da família, mas da escola também (BITTENCOURT; FRANÇA; GOLDIM, 2015; PARADA, 2013).

Os estudos acima mostram que escolas que não cobram as regras que impõem, não estimulam a aprendizagem dos jovens, e que não os envolvem em programas sociais intra ou extraclasse, são fatores contribuintes para o uso de drogas pelos adolescentes. A falta de programas de lazer para os jovens e o aumento do comparecimento às festas, aumentam a probabilidade ao acesso e ao uso de drogas (VASTERS; PILLON, 2011).

TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA ASSOCIADOS AO USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Um estudo realizado em São Paulo-SP, no ano de 2018, com 29 usuários de crack, identificou vários tipos de violência sofridas pelos participantes durante a juventude. Entre elas estão tentativa de estupro, violência física (que foi a mais citada) e psicológica realizadas pelos pais (BARROS; TUCCI, 2018). Históricos de violência na infância estão associados ao aumento de transtornos psiquiátricos, sendo eles depressão, ansiedade e também abuso de substâncias (HUSSEY *et al.*, 2006 apud. ZANOTI-JERONYMO *et al.*, 2009). Já Bucholz *et al.*, retratam que traumas não agressivos e distúrbios externalizantes, aumentam significativamente o uso de álcool em jovens de idade inferior aos 16 anos (BUCHOLZ, *et al.*, 2017).

Características relacionadas a personalidade podem predispor ao abuso de substâncias. Segundo Parada (2013), “timidez excessiva, baixa autoestima, baixo limiar para tolerar frustrações, baixo nível de resiliência, pouca responsabilidade e autonomia, agressividade e busca por sensações novas (“novelty-seeking”) são algumas delas”. O fato de não conseguir lidar com alguns sentimentos, sintomas ansiosos ou depressivos, são fatores contribuintes para o uso contínuo de drogas (VASTERS; PILLON, 2011).

Compartilham da mesma ideia, Silva *et al.*, que relataram que entre os fatores predominantes para o consumo estão a curiosidade, a desinformação, a insegurança e a insatisfação com a vida (SILVA *et al.*, 2010); e Ozieta Taylor (2011), que citou como fatores predisponentes ao uso de drogas, os sintomas depressivos (como desânimo, preocupações, perda de interesse em atividades) e a raiva (TAYLOR, 2011). Jovens ansiosos, com sintomas depressivos ou adolescentes com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) são exemplos de sintomas/transtornos que, se não receberem tratamento e acompanhamento (SANTUCCI, 2012).

Oito, dos 17 artigos em estudo, retrataram algum trauma psicológico como fator contribuinte para um possível uso de drogas (BARROS; TUCCI, 2018; BUCHOLZ, et al, 2017; HUSSEY et al, 2006 apud. ZANOTI-JERONYMO et al, 2009; PARADA, 2013; SANTUCCI, 2012; SILVA et al, 2010; TAYLOR, 2011; VASTERS; PILLON, 2011). Poucos foram os transtornos psiquiátricos em questão, o destaque foi para transtornos de ansiedade, depressão e TDAH (SANTUCCI, 2012).

Foram relatados como alguns elementos causais, violência física, psicológica e tentativa de estupro, os quais também aumentam a chance de episódios depressivos e ansiosos. (BARROS; TUCCI, 2018; BUCHOLZ, et al, 2017; HUSSEY et al, 2006 apud. ZANOTI-JERONYMO et al, 2009). Foram mencionadas ainda as características interpessoais do indivíduo, presentes em sua personalidade, como timidez, baixa autoestima e baixo limiar de tolerância para frustrações e transtorno de conduta (PARADA, 2013).

O DSM-5 traz outros transtornos psiquiátricos como fatores predisponentes/relacionados para/com o uso de substâncias. O álcool e os estimulantes estão relacionados ao transtorno bipolar, à depressão e aos transtornos de ansiedade, que podem ter início antes do uso, durante a intoxicação e também durante a abstinência. Foi descrito que o álcool pode levar a transtornos psicóticos tanto durante a intoxicação, quanto durante a abstinência, enquanto que a *cannabis* e os estimulantes podem induzir sintomas/transtornos psicóticos apenas durante o uso. O uso precoce da *cannabis* (antes dos 15 anos), está ligeiramente relacionado a transtornos mentais e transtornos externalizantes, como o transtorno de conduta; todavia, não se pode descartar os transtornos internalizantes, que são de grande risco para o desenvolvimento de doenças mentais (APA, 2014, p. 513). Com relação ao transtorno obsessivo-compulsivo e transtornos relacionados, apenas os estimulantes podem desencadeá-los tanto durante a intoxicação, quanto em crises de abstinência (APA, 2014, p.482).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posto que os artigos em pesquisa foram realizados e publicados em locais diferentes do mundo, pode ser percebida certa convergência de ideias e resultados entre eles. A família e o meio social são de suma importância para um possível abuso de substâncias por crianças e adolescentes. Os artigos em estudo demonstraram que uma família bem estruturada e com boa relação entre pais e filhos está relacionada a fatores de proteção. Famílias onde há relação conflituosa entre os membros, pais que usam ou abusam de substâncias psicoativas e que

tratam com naturalidade o uso de álcool e drogas por estes jovens, estão relacionadas a fatores preditores. Crianças com alta taxa de evasão escolar e com amizades usuárias, possuem maior probabilidade de tornarem-se adictos a substâncias. Outro fator contribuinte, são as doenças psiquiátricas presentes no jovem, como depressão, ansiedade, trauma psíquico precoce, transtornos de conduta e ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Embora algumas divergências ocorram, não interferem no produto final da pesquisa. O que significa que o uso de substâncias por jovens e adolescentes não é um problema relacionado a uma região ou país e sim mundial, com base no seu meio familiar, psíquico e social.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANTUNES, Hellen de Araújo et al. Familiar factors and illicit drug use among Brazilian adolescents: an analysis of the Brazilian National Survey of School Health (PeNSE, 2015). **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 12, e00009518, 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018001205004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 de setembro de 2019. Epub Nov 29, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00009518>.

ASSUMPÇÃO JR., Francisco Baptista; KUCZYNSKI, Evelyn. Tratado de Psiquiatria da infância e Adolescência. In: VIEGAS, Drauzio; SARNI, Roseli Saccado; **Crescimento e Desenvolvimento Físico**. São Paulo, Rio de Janeiro, Ribeirão Preto, Belo Horizonte: Atheneu, 2006. Cap. 8, p. 65-72.

BARROS, Naiara Alves de; TUCCI, Adriana Marcassa. Percepções dos Usuários de Crack sobre as suas Relações Familiares na Infância e Adolescência. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 34, e34418, 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722018000100517&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Sept. 2019. Epub Nov 29, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34418>.

BITTENCOURT, Ana Luiza Portela; FRANCA, Lucas Garcia; GOLDIM, José Roberto. Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. **Rev. Bioét.**, Brasília, v. 23, n.2, p.311-319, agosto de 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422015000200311&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 de novembro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422015232070>.

BUCHOLZ, Kathleen K *et al.* Comparison of parent, peer, psychiatric, and cannabis use influences across stages of offspring alcohol involvement: Evidence from the COGA Prospective Study. **Alcohol Clin Exp Res.**, [s. l.], v. 41, ed. 2, p. 359-368, 10 jan. 2017.

DOI 10.1111/acer.13293. Disponível em: ncbi.nlm.nih.gov/m/pubmed/28073157. Acesso em 14 de maio de 2019.

CARVALHO, Marina Alexandra Diogo, et. al. **Vinculação, Temperamento e Processamento da Informação:** Implicações nas Perturbações Emocionais e Comportamentais no início da Adolescência. Tese de doutorado. Universidade do Minho. 2007. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8410/1/vincula%C3%A7%C3%A3o%20temperamento%20e%20processamento%20de%20informa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 29 de abril de 2019.

CAMPOS, Rodolfo Nunes; CAMPOS, João Alberto de Oliveira; SANCHES, Marsal. **A evolução histórica dos conceitos de transtorno de humor e transtorno de personalidade:** problemas no diagnóstico diferencial. Rev. psiquiatr. clín., São Paulo, v. 37, n. 4, p. 162-166, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832010000400004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 de abril de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832010000400004>.

ELICKER, Eliane et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 399-410, Setembro 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222015000300399&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 de setembro de 2019. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742015000300006>.

FEIGELMAN, Susan; **O Primeiro Ano.** In: KLIEGMAN, Robert M. et al. Tratado de Pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2009. Cap.8, p. 43-47.

FEIGELMAN, Susan; **O Segundo Ano.** In: KLIEGMAN, Robert M. et al. Tratado de Pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2009. Cap.9, p. 48-53.

FEIGELMAN, Susan; **A Criança Pré-Escolar.** In: KLIEGMAN, Robert M. et al. Tratado de Pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2009. Cap.10, p. 54-56.

FEIGELMAN, Susan; **A Criança em Idade Escolar.** In: KLIEGMAN, Robert M. et al. Tratado de Pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2009. Cap.11, p. 57-59

FREIRES, IRLAN DE ALMEIDA; GOMES, EDÉZIA MARIA DE ALMEIDA. O Papel da Família na Prevenção ao uso de Substâncias Psicoativas. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, [s. l.], v. 16, ed. 1, p. 99-104, 3 mar. 2012. DOI 10.4034/RBCS.2012.16.01.15. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/article/view/10899>. Acesso em 15 de Agosto de 2019.

HABIB, Cherine *et al.* The importance of family management, closeness with father and family structure in early adolescent alcohol use. **Addiction: Society of study of adiction**, Wiley Online Library, ano 2010, v. 105, ed. 10, p. 1750-1758, 15 set. 2010. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1360-0443.2010.03021.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1360-0443.2010.03021.x>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

KELLY, Adrian B.*et al.* Family Relationship Quality and Early Alcohol Use: Evidence for Gender-Specific Risk Processes. **Journal of Studies on Alcohol and Drugs**, New Jersey, ano 2011, v. 72, ed. 3, p. 399-407, 21 de janeiro de 2015. DOI <https://doi.org/10.15288/jsad.2011.72.399>. Disponível em: <https://www.jsad.com/doi/abs/10.15288/jsad.2011.72.399>. Acesso em 4 agosto de 2019.

KLEIN, V.; LINHARES, M. **Temperamento, comportamento e experiência dolorosa na trajetória de desenvolvimento da criança**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 17, n. 36, p. 33-44, 1 abr. 2007. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/paideia/article/view/6417/7888>>. Acesso em 29 de abril de 2019.

LARA, Diogo. **Temperamento Forte e Bipolaridade**: dominando os altos e baixos do humor. São Paulo. Editora Saraiva, 2009.

MARCELL, Arik V.; **Adolescência**. In: KLIEGMAN, Robert M. et al. Tratado de Pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2009. Cap.12, p. 60-64.

MARCELLI, Daniel; COHEN, David. **Infância e Psicopatologia**. 8ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARQUES, Ana Cecília Petta Roselli; CRUZ, Marcelo S. **O adolescente e o uso de drogas**. Rev. Bras. Psiquiatr. São Paulo, v. 22, supl. 2, p. 32-36, dezembro de 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 de abril de 2019.

NATIONAL INSTITUTE ON DRUG ABUSE (NIDA). **Drogas, cérebro e comportamento**: a ciência do vício. 2007. Disponível em: <<https://www.drugabuse.gov/publications/drugs-brains-behavior-science-addiction/preface>>. Acesso em 04 de abril de 2019.

OLSSON, John. **O Recém-nascido**. In: KLIEGMAN, Robert M. et al. Tratado de Pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2009. Cap. 7, p. 41-42.

PARADA, Juliana Joni. Aspectos psicossociais relacionados ao uso de drogas na adolescência. **Percurso Acadêmico - Revista Interdisciplinar da PUC Minas no Barreiro**: Direito biomédico, neurociências e psiquiatria, Belo Horizonte, v. 3, ed. 5, p. 10-21, jan./jun. 2013. DOI <https://doi.org/10.5752/P.2236-0603.2013v3n5p10-21>. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/percursoacademico/article/view/6254>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

POLANCZYK, Guilherme Vanoni; LAMBERTE, Maria Teresa Martins Ramos. **Psiquiatria da Infância e Adolescência**. São Paulo: Editora Manoele Ltda. 2012.

ROTHRAUFF, Tanja C.; COONEY, Teresa M.; AN, Jeong Shin. Remembered Parenting Styles and Adjustment in Middle and Late Adulthood. **Journal of Gerontology: Social Sciences**, [s. l.], v. 64, ed. 1, p. 137-146, 22 de janeiro de 2009. DOI 10.1093/geronb/gbn008. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2654985/>. Acesso em 20 de maio de 2019.

SANCHEZ, Zila Van der Meer; OLIVEIRA, Lúcio Garcia de; NAPPO, Solange Aparecida. Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 43-55, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 de setembro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232004000100005>.

SANTUCCI, Karen. Psychiatric disease and drug abuse. **Current Opinion in Pediatrics**, [s. l.], v. 24, ed. 2, p. 233-237, abril de 2012. DOI 10.1097/MOP.0b013e3283504fbf. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22327950>. Acesso em 4 de maio de 2019.

SILVA, Kelanne Lima da et al. Reflexões acerca do abuso de drogas e da violência na adolescência. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 605-610, setembro de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452010000300024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 de novembro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452010000300024>.

STEINER, Simon; SCHORI, Domnik; GMEL, Gerhard. **Excessive alcohol consumption in young men: is there an association with their earlier family situation?** *Swiss Med Wkly.* 3 de setembro de 2014; 144:w14007. Acesso em 20 de setembro de 2019.

TAYLOR, Ozieta D. Adolescent Depression as a Contributing Factor to the Development of Substance Use Disorders. **Journal Journal of Human Behavior in the Social Environment**, v. 21, ed. 6, p. 696-710, 25 de agosto de 2011. DOI <https://doi.org/10.1080/10911359.2011.583519>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10911359.2011.583519>. Acesso em 14 de agosto de 2019.

VASTERS, Gabriela Pereira; PILLON, Sandra Cristina. O uso de drogas por adolescentes e suas percepções sobre adesão e abandono de tratamento especializado. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 317-324, abril de 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 de novembro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000200013>.

WAGNER, Márcia Fortes et al. O uso da maconha associado ao déficit de habilidades sociais em adolescentes. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 255-273, agosto de 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762010000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 de novembro de 2019.

ZANOTI-JERONYMO, Daniela Viganó et al. Prevalência de abuso físico na infância e exposição à violência parental em uma amostra brasileira. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 11, p. 2467-2479, novembro de 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009001100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 de outubro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2009001100016>.